EDITORIAL

A Bíblia não trata especificamente do tema do desemprego. Na época da redação dos textos bíblicos, os modos de produção e as relações de trabalho eram de outras formas. Mas, a Palavra de Deus, especialmente os Profetas e os Evangelhos, se posicionaram firmemente contra os sistemas que produziam a exclusão, que matavam e que feriam a vida do povo.

O neoliberalismo é hoje este monstro que está aí excluindo, desempregando, concentrando riquezas... Por mais que alguns teóricos busquem algumas passagens bíblicas que fundamentem este sistema, ele é perverso, mau, cruel e destruidor das relações fraternas entre as pessoas, porque é comparável, ou até pior, aos tantos sistemas opressores que a Bíblia condena: o sistema do faraó, a atuação dos reis, a opressão da Babilônia, a dominação persa, grega e romana... para citar alguns exemplos. Com o mesmo vigor com que o Deus Libertador e Deus da Vida se opôs a eles, se oporá também hoje ao neoliberalismo.

É certo que na questão do trabalho torna-se necessário reler certos textos. Na Bíblia temos textos que nos dizem que: "devemos ganhar o pão com o suor do rosto" (Gn 3,19); que "quem não trabalha não deve comer" (2Ts 3,10); que tratam mal os preguiçosos (Pr 13,4); texto da parábola dos talentos (Mt 25,14-30), contada por Jesus; textos que sugerem a teologia da retribuição... Hoje estes textos precisam ser lidos em nossos contextos e vão nos ensinar que precisamos também pensar naqueles que não encontram emprego para ganhar o pão de cada dia. Temos que refletir sobre aqueles que necessitam usar meios e modos impróprios para sobreviver e para não ver seus filhos morrendo de fome. O n. 11 de Estudos Bíblicos *já abordou o tema do trabalho. Agora vamos pensar naqueles que são excluídos do trabalho.*

Este número sai num momento crucial para os trabalhadores do Brasil. Justamente quando está sendo implantado um forte ajuste econômico, patrocinado pelo FMI, e que vai nos trazer a recessão e o conseqüente aumento do desemprego. Em contrapartida a Campanha da Fraternidade/99, da Igreja Católica, vem justamente refletir sobre o desemprego, com o lema: Sem trabalho... por quê?

Por isso mesmo, abrimos este número com um texto provocativo e desafiador, escrito pelo Inácio Neutzling. *Há alguns anos, Inácio coordena o CEPAT/Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores, em Curitiba, fazendo pesquisas e buscando condensar o que há de mais novo no mundo do trabalho e da vida dos(as) trabalha-*

dores(as)[1]. Em seu artigo, Inácio nos ajuda a entender a grande transformação que está acontecendo no mundo do trabalho. É a crise central deste final de milênio e que deve perdurar nas próximas décadas. Crise que não é do trabalho, mas do emprego. Resultado de um modelo que transformou tudo em mercadoria, inclusive o trabalho. Este modelo evolui para três saídas possíveis: a autodestruição progressiva do sistema, arrastando consigo toda a humanidade; a explosão brutal pela "bolha" financeira ou pela revolta das pessoas; a recomposição através de soluções pontuais. Por isso mesmo, temos que ir em busca de caminhos de uma ação inovadora capaz de instaurar um novo paradigma civilizacional, onde o trabalho remunerado não seja mais o único e exclusivo meio de acesso à distribuição da produtividade que é coletiva.

A vida é marcada pela lógica da produção, do trabalho, enfim, dos processos econômicos. Os frutos desta centralidade economicista são a destruição da vida, o empobrecimento e exclusão de milhões de pessoas. A partir do livro do Gênesis (cap. 1-3), Loivo José Mallmann destaca a centralidade do sábado, da comunhão, da reconciliação e da paz como objetivo último de toda a criação. Destaca também a dimensão da gratuidade de toda a criação em contraposição a uma sociedade onde tudo é transformado em mercadoria. O futuro da humanidade passa pela busca de novos paradigmas, que valorizem a vida em todas as suas dimensões, buscando a comunhão com toda a criação.

Vicente Artuso desconfia da ideologia que existe por trás da redação dos textos dos Livros dos Reis, que busca encontrar culpados, muitas vezes para encobrir justamente os responsáveis pelos males cometidos contra o povo. Não poucas vezes, o sistema hoje culpa o próprio desempregado de sua situação, para esconder a perversidade do modelo que produz a exclusão.

Povo que clama, grita, suplica! Crianças que choram. Vozes e soluços que a divindade ouve! Maria Soave Buscemi busca descosturar a "colcha de retalhos" formada em torno do texto de Gênesis 21,1-21, com seus vários remendos e pedaços de tecido, onde aparecem a dor de Agar, uma mulher desempregada e "mandada embora", e o choro de seu filho Samuel. E Deus ouve o choro da criança separada do corpo da mãe. Hoje ouve-se o choro de pais, mães, jovens e crianças, vítimas do flagelo do desemprego.

Os desempregados são convidados a pertencer ao grupo dos bem-aventurados. Mauro Odoríssio faz um estudo da situação do povo trabalhador, desde a opressão e escravidão no Egito, sua caminhada histórica até o tempo de Jesus. E comenta a parábola do chefe de família que contrata trabalhadores, em várias horas do dia, para trabalhar em sua vinha e paga a todos igualmente. Um texto marcado pela justiça e pela misericórdia. Duas virtudes que os desempregados de hoje tanto esperam e necessitam.

1. O resultado dessas pesquisas são publicados no boletim *CEPAT Informa*, publicado mensalmente.

Nas primeiras comunidades cristãs encontramos alguns "estrangeiros, dispersos e residentes em terras estranhas". Por que estavam aí? Como a comunidade encarou o problema? Que proposta a mensagem cristã tinha para estas vítimas? É isso que Aldo Dal Pozzo nos informa através do estudo em torno da Primeira Carta de Pedro. A comunidade é a base da sobrevivência. Portanto, é na comunidade que temos de construir novos laços de solidariedade e fraternidade, onde o espaço não seja somente dos mais competentes.

Finalmente, junto com a Márian Ambrósio ousamos sonhar. Buscamos fundamentação no jardim que Deus fez para colocar o ser humano, ao ser criado. Se a sociedade criasse condições para partilhar a terra e fazer as pessoas trabalharem menos, haveria mais jardins, mais beleza e nosso mundo seria novamente o paraíso.

A crise do desemprego e seus efeitos está em nossas casas, em nossas comunidades. Devemos ser realistas, e isso nos leva à conclusão de que a situação deve se agravar ainda mais nos próximos anos. Vamos passar por momentos ainda mais difíceis. O sofrimento e a cruz do desemprego não serão suavizados enquanto perdurar este modelo, apesar dos discursos oficiais. Ao contrário, os índices tendem a se acentuar, trazendo consigo todas as perversas conseqüências que o desemprego produz: violência, fome, perda de valores... Talvez seja aqui o momento próprio para recordar o importante texto bíblico de Eclo 34,21-22, e que motivou a transformação radical de um grande profeta deste Continente, Bartolomeu de Las Casas: "o pão é a vida dos pobres, e quem tira a vida dos pobres é assassino. Mata o próximo quem lhe tira os meios de vida, e derrama sangue quem priva o operário de seu salário". O sistema, com todas as suas ramificações, é, pois, assassino e mau, ao atentar contra a vida de milhões de seres humanos. Destrói o dom mais sagrado que recebemos do Criador: a Vida!

O momento da crise é também a oportunidade da superação de algo ou de uma etapa inviável e já caduca. Por isso, em Israel, foi nos momentos de dor, sofrimento e crise que mais se produziu em termos de profecia e esperança. Foi nestes períodos que se viveram e foram redigidos os mais belos e importantes textos bíblicos.

Portanto, este é o momento de gritar e clamar. Temos certeza de que o nosso Deus estará vendo e ouvindo nossa opressão (Ex 3,7). Então, além de expressar o que estamos sofrendo, queremos fazer deste momento um novo tempo (kairós). Tempo fértil de pensar, elaborar o novo que queremos. "Quem sonha grande, põe os pés na estrada", como bem nos lembrou uma música do recente CD do MST (Movimento dos Sem-Terra). Que este seja então um tempo de um novo Êxodo, em busca das terras prometidas, das terras sem males, do Reino e de um mundo justo, fraterno e solidário!

Ildo Perondi